LAVA

Matéria líquida lançada pelos vulcões.
Torrente, enxurrada, curso.

GRAVITY'S RAINBOW, DE THOMAS PYNCHON: A PARANOIA COMO “ESTILO DE CONEXÃO”

— LUIS FERNANDO CATELAN ENCINAS

RESUMO

O objeto deste pequeno artigo é o problema da paranoia no livro de Pynchon, entendida não como desordem mental, mas como uma visão “sistemática” da realidade, onde as tramas estão inseridas em tramas ainda maiores, que, por sua vez, estão inseridas no conjunto ainda maior de suas quatro partes. É o que se poderia chamar de “estilo de conexão”, em que tudo está ligado, e cujo modelo, como veremos, é a paranoia.

Palavras-chave: Thomas Pynchon, paranoia, estilo de conexão, pós-modernidade.

ABSTRACT

The object of this short article is the problem of paranoia in the book of Pynchon, understood not as a mental disorder, but as a vision “systematic” reality, where the plots are embedded in even larger plots, which, in turn, are inserted in further set of its four parts. It’s what you might call “connection style” in which everything is connected, which the model, as we shall see, it is the paranoia.

Keywords: Thomas Pynchon, paranoia, connection style, postmodernity.

Gavity's *Rainbow* talvez seja a tentativa literária mais bem sucedida de reconstruir a gênese da “pós-modernidade” desde as suas origens, ao fim da Segunda Guerra Mundial, ao projetar-se em um panorama técnico-científico que descortina toda a gama de conhecimentos e valores de um momento histórico absolutamente determinante: o pós-guerra.

Percorrendo uma imensa gama de conhecimentos, *Gravity's Rainbow* transgride as fronteiras entre alta e baixa cultura, entre decoro literário e baixo calão, entre ciência e metafísica especulativa, que, unidos, formam

um enorme sistema de afinidades morfológicas, um composto de vários registros e estilos sobrepostos, a deslizar uns sobre os outros.

Contudo, pelo seu complexo-temático – história, ciência, tecnologia, música, cinema, guerra, psicologia, religião, drogas, etc. – o livro de Pynchon torna-se suscetível de múltiplas interpretações, abrindo-se a uma riqueza imagética que desafia a crítica e o público. Como “romance histórico”, por exemplo, tendo como cenário a Europa devastada ao final da Segunda Guerra Mundial, *Gravity's Rainbow* transmite-nos uma visão quase profética da História; como ficção científica, mostra-nos a contingência do homem em um mundo dominado pela tecnologia; como obra mitológica, pela sua estrutura simbólica e inúmeras alusões a diversos mitos, incluindo os da própria modernidade; como obra cômica, pelas frequentes passagens e efeitos de desenho animado; como romance filosófico e religioso, pelo tratamento que dá a formas de conhecimento e a experiências de transcendência.

Mas, afinal, como caracterizar o livro de Pynchon? Mescla singular de pesadelo vivo e desenho animado, o livro de Pynchon pode ser caracterizado como uma fantasia horripilante em torno de motivos extraídos da própria História, que, sem ser romance histórico, não obstante, é profundamente histórico e referencial em relação ao período que enfoca, a Segunda Guerra Mundial, na medida em que exprime o absurdo e a monstruosidade desse conflito.

Mesmo assim, é preciso reconhecer que *Gravity's Rainbow* é precisamente, com dissemos, um pesadelo, um fluxo de imagens e acontecimentos que possui pouca densidade referencial (com exceção, é claro, do foguete V-2), que nem de longe evoca algo como o comentário interpretativo de um historiador sobre eventos que, por exemplo, qualquer romance histórico bem realizado parece sempre conter ou implicar em suas páginas.

No entanto, essa obra-prima considerada “pós-moderna” é precisamente isso: uma explosão de registros e estilos sobrepostos, uma experiência romanesca singular, um exercício de enciclopedismo autoral a girar em torno de um intrincado tecido de eventos, no qual conexões de diferentes espécies se sobrepõem, constituindo variáveis capazes de fazer ruir qualquer determinação ou certeza.

Gravity's Rainbow trabalha com um complexo temático que se irradia em várias direções numa abrangência multidimensional, partindo de uma matriz que retrata o quadro da condição humana em uma sociedade instrumentalizada cujos valores se centram em uma tecnologia desuma-

[1] Scott Sanders, em sua resenha "Pynchon's Paranoid History", observa que Pynchon representa um exemplo do estilo paranóide na literatura americana, posto que trabalha vários graus de paranoia. Ressalta ainda que Pynchon interpreta a história como uma conspiração, que, no contexto das suas obras, traduz-se em formas de manipulação envolvendo suas personagens, que sentem então a presença de um designio maléfico, de um Controle externo que as leva à perdição. (Scott Sanders, "Pynchon's Paranoid History". In: LEVINE, George, e LEVERENZ, David (org.). *Mindful pleasures: essays on Thomas Pynchon*. Boston: Little, Brown, 1976, p. 14)

[2] PYNCHON, 1988, p. 210.

[3] PYNCHON, 1993, p. 143.

[4] PYNCHON, 2006, p. 530 (nossa tradução).

[5] V-2, do alemão: *Vergeltungswaffe 2*, "Arma de Retaliação 2". O nome indicava sua função como um meio de retaliação, como uma vingança contra a destruição das cidades alemãs pelos bombardeios aliados, denunciando, assim, a suposição de que seu objetivo moral era maior do que sua eficácia militar.

[6] "Isso remete de volta a pessoas e desenvolvimentos historicamente verificáveis, e para a frente, a partir da época de *Gravity's Rainbow*, para as gerações futuras, para a trajetória encapsulada de homens no espaço." (POIRIER, 2003, p. 51, nossa tradução)

[7] *Brennschluss* (Fim da combustão): Fim da ascensão do foguete, quando o combustível é cortado, dando lugar à gravidade.

nizadora, da qual o centro é o foguete V-2.

Pois bem. Para delinear o cenário abrangente do mundo contemporâneo, em que a tecnologia, enquanto força, transcende limites geográficos e políticos, Pynchon tece uma rede de conexões, na qual saber científico e formação social se entrelaçam, num cenário em que interesses individuais chocam-se com interesses corporativistas, ressaltando, assim, a fragmentação individual e social que conduzirá finalmente suas personagens à paranoia, na tentativa de explicar as estranhas forças a atuar sobre o homem, que o faz sentir-se objeto ou vítima de uma conspiração cujas causas esbarram na estrutura de um sistema que visa organizar o mundo da vida segundo critérios tecnológicos.

A preocupação paranóide de suas personagens com relação a uma conspiração – que supõem planetária – aparece de forma reiterada nas três primeiras obras de Pynchon.¹ Em *V.* (1963), por exemplo, aparece a "Conspiração final que não tem nome"². Oedipa Maas, heroína de *O leilão do lote 49* (1966), vive perturbada pela incerteza de estar alucinando ou de ser vítima de uma conspiração "tão labiríntica que deve ter um significado maior do que uma simples brincadeira"³. Do mesmo modo, as personagens de *Gravity's Rainbow* sentem o peso de uma "conspiração incalculável"⁴, onde a paranoia megalomaniaca é o afeto operatório principal, vindo a se constituir no motivador central para as muitas personagens da trama, ao mesmo tempo em que faz com que as muitas tramas do romance se tornem cada vez mais interligadas, até convergir ao fim para um mesmo ponto: o Foguete.

Antes de avançarmos, porém, sobre esse ponto, convém considerarmos o pano de fundo do livro de Pynchon, que tem como elemento estruturador o foguete V-2⁵, a grande criação técnico-científica da Alemanha nazista, o qual, se não possibilitou a Hitler vencer a guerra, tornou possível, mais tarde, a conquista do espaço por americanos e russos. (Para Pynchon, é o domínio da técnica, via tecnologia de foguetes, que fornece o nexo histórico, ou seja, da criação do foguete V-2, de tudo o que se seguiu depois, com o fim da Segunda Guerra Mundial, até a conquista definitiva do espaço, unindo presente, passado e futuro.⁶)

O título da obra refere-se à trajetória parabólica do V-2, o caminho em forma de arco-íris formado pelo foguete, que se move sob a influência da gravidade, após a desativação do motor ("*Brennschluss*"⁷), assim como à própria circularidade da trama, que, como um arco parabólico – representada na queda de um foguete –, liga o começo e o final da obra.

Ora, ao situar as ações ou os enredos de seu livro entre os anos de 1944 e 1945, Pynchon tem como pano de fundo histórico um período que se destacou por inúmeros avanços tecnológicos e militares, cujo epicentro está no foguete V-2. Contudo, o vasto conjunto temático atesta uma intertextualidade que, por sua vez, revela o enciclopedismo do autor e a complexidade da obra, na qual tecnologia, história, ciência, política, economia e sociedade evidenciam a pluralidade de registros contidos na obra.

O livro abre-se com uma imagem do foguete V-2 caindo sobre a cidade de Londres... “Um grito atravessa o céu. Já aconteceu antes, mas nada que se compare a esta vez. É tarde demais. A Evacuação ainda prossegue, mas é tudo teatro. Não há luz dentro dos vagões. Não há luz em parte alguma.”⁸

Estas linhas iniciais situam a “narrativa” em uma atmosfera de ameaça e pesadelo, que se estenderá por todo o livro, o qual termina com a mesma imagem de iminente destruição: um foguete V-2 prestes a cair sobre um teatro em Los Angeles. Uma “figura humana”, confundindo seu brilho com uma estrela no céu, faz um pedido à primeira estrela, mas...

Não era *não era uma estrela*, estava caindo, um brilhante anjo da morte. E na escura e terrível expansão da tela, algo persiste, um filme que não aprendemos a ver... agora é um *close* de um rosto, um rosto que todos conhecemos – E é bem aqui, bem nesta escura e silenciosa moldura, que a ponta afilada do Foguete, caindo aproximadamente um quilômetro e meio por segundo, absolutamente e para sempre sem som, alcança sua última distância imensurável, acima do telhado deste velho cinema, o último delta-t.⁹

Será, pois, no intervalo entre o grito que atravessa o céu, provocado pelo foguete, do início do livro, e o foguete silencioso que desce a grande velocidade, ao fim, que se desenrolará toda a “narrativa”, ligando, como um arco parabólico, o começo e o final da obra.

Tal salto para o futuro, ao passar o tempo da ação na “narrativa”, de 1945 para 1970, e o espaço, da Europa para a América, assume a dimensão simbólica do teatro em que a humanidade assiste à própria destruição: o Foguete, avançando um quilômetro e meio por segundo, está prestes a cair sobre o Teatro.

Sendo reconhecidamente impossível sumarizar as quase oitocentas páginas do livro de Pynchon, povoadas de centenas de personagens, a

[8] PYNCHON, 2006, p. 03 (nossa tradução).

[9] PYNCHON, idem, p. 775 (nossa tradução).

viver episódios sucessivos sem uma transição que implique continuidade, tentaremos informar sobre o plano geral da obra.

O livro está dividido em quatro partes numeradas pelo autor, cada uma delas precedida por uma epígrafe.

A primeira parte, denominada “Além do Zero”, que traz uma epígrafe em que Wernher von Braun – um dos engenheiros responsáveis pelo desenvolvimento do foguete V-2 – expressa seu pensamento quando do lançamento da nave Apollo, em 1969, pela NASA, é composta de vinte e uma sub-partes ou capítulos, que se passam, em sua maior parte, no Hospital St. Verônica, em Londres, onde está sediada a “White Visitation”, órgão do Serviço de Inteligência Britânico, em que psicólogos, matemáticos, químicos, estatísticos, médiuns, bem como pessoas ligadas à ciência e à guerra, agrupam-se, a qual descobre que um mapa de Londres, assinalando as conquistas sexuais de Tyrone Slothrop, tenente do exército americano, antecipa os locais de impacto dos temíveis foguetes V-2.

A segunda parte, intitulada “Um Perm’ Au Casino Hermann Goering”, que tem como epígrafe uma alusão a “King Kong”, feita pelo produtor de cinema Merian C. Cooper à atriz Fay Wray, leva a personagem Tyrone Slothrop para a Riviera Francesa, tendo como palco, como indicado pelo próprio título, um hotel-cassino, onde a personagem é instruída, por um agente do serviço secreto inglês, na tecnologia do foguete, com a finalidade de colher dados sobre o condicionamento de Slothrop, em sua infância, na América, e sua relação com o foguete.

A terceira parte, com o título de “Na Zona”, a mais longa das quatro partes, com trinta e dois capítulos, crucial para o desenvolvimento temático do livro de Pynchon, cuja epígrafe é uma fala tirada de “O Mágico de Oz”, pronunciada por Dorothy a seu cãozinho Toto ao chegarem a Oz, tem como pano de fundo a viagem da personagem Tyrone Slothrop através da Alemanha para Nordhausen, em busca do foguete, na Zona ocupada por russos, ingleses e americanos, focalizando os locais de fabricação e montagem do V-2, bem como o pessoal técnico e os engenheiros – o que inclui a personagem Franz Pökler – engajados com a tecnologia de foguetes.

A quarta e última parte, denominada “A Contraforça”, que tem como epígrafe uma interrogação-exclamação atribuída por Pynchon a Richard Nixon, a qual, depois de se fragmentar em episódios descontínuos, como uma sequência de cenas justapostas, seguida de um deslocamento espaço-temporal, projeta-nos para os anos 1970, para um teatro em Los Angeles – como já referimos acima – sobre o qual paira um V-2.

E, atravessando isso tudo, é claro, o Foguete, como ícone, pairando onipresente sobre todas as quatro partes, associado a interesses de cartéis multinacionais, a mostrar que tudo tem ligação: “quer por confluências

individuais, quer por obscuras corporações poderosas, o romance tece sistemas interrelacionados”¹⁰. Paranoia...

[10] Charles Clerc (ed.), *Approaches to Gravity's Rainbow*. Columbus: Ohio State University Press, 1983, p. 16.

A PARANÓIA COMO ESTILO DE CONEXÃO

Estes novos tempos injetaram uma grande sensação de insegurança, incerteza e precariedade em nossas vidas. Foi assim que se criou um mundo em permanente desequilíbrio e do qual é difícil escapar, um mundo com um nível de imprevisibilidade que causa grande ansiedade a todos. E esse é precisamente o fio condutor do que ocorre hoje: o mundo se tornou vacilante, inconsistente, sem rumo claro. No momento, não nos resta outra opção a não ser entendê-lo como tal e conviver com isso.

Por outro lado, existem hoje muitas “realidades” díspares a ocorrem simultaneamente e, neste complexo panorama, é difícil encontrar um sentido no que ocorre, ou mesmo, achar um fio condutor que esclareça tudo – o que acaba por abrir caminho à *paranoia*.

Ora, num mundo em que o sentido parece estar ausente, este foi substituído pela paranoia, enquanto único sentido possível. Supondo que não seja possível viver em um vácuo, este deve ser preenchido com algum sentido. Sendo assim, a perda do referente parece ter aberto caminho para a paranoia, como uma espécie de “segundo referente”, depois de perdido o primeiro: a própria realidade (neste ponto, esvanecida).

Vejamos, então, como se dá isso em alguns trechos do livro de Pynchon...

Depois de deixar o hospital, onde foi submetido a vários testes psicológicos (muitos dos quais envolvendo barbitúricos), Tyrone Slothrop sente que está sendo seguido, que está sendo vigiado...

Porém, alguma coisa está diferente... alguma coisa... *mudou*... sem nenhuma intenção de criar caso, gente, mas – por exemplo, ele quase podia jurar que está sendo seguido, ou em todo caso sendo vigiado. Alguns dos espiões são bem profissionais, mas outros ele pode perceber com facilidade. Ontem, fazendo compras de Natal na Woolworth's, ele viu um par de olhos reluzentes na seção de brinquedos, logo depois de uma pilha de caças de pau-de-balsa e rifles Enfield em miniatura. Há algo de constante no que ele vê no retrovisor de seu Humber, não que seja sempre a mesma cor ou o mesmo modelo, mas há *alguma coisa* sempre presente dentro da estreita moldura do espelho, que o leva a prestar atenção nos outros carros quando sai de manhã para trabalhar. Na ACHTUNG, as coisas em sua mesa parecem não estar mais onde

estavam antes. As garotas têm inventado desculpas para não comparecer aos encontros. Ele sente que está sendo delicadamente afastado da vida que levava antes de ir para o [hospital] St. Veronica. Mesmo no cinema há sempre alguém atrás dele tomando cuidado para não falar, não fazer barulho com papel, não rir alto demais: Slothrop já esteve em tantos cinemas que pode perceber uma anomalia dessas imediatamente. O cubículo perto do Grosvenor Square começa a parecer-lhe cada vez mais com uma armadilha. Ele passa seu tempo, às vezes dias inteiros, perambulando pelo East End, respirando o ar fétido de Thamside, buscando lugares onde aqueles que o seguem não podem segui-lo.¹¹

[11] PYNCHON, idem, p. 116-117 (nossa tradução).

O que pretendemos aqui, pois, é uma consideração da paranoia não de um ponto de vista psicopatológico, mas histórico-existencial, como faz Pynchon em *Gravity's Rainbow*.

O grande mérito de Pynchon foi ter determinado a essência ou a natureza da paranoia não mais como entidade clínica, mas como problema, pela universalização e, em certo sentido, pela despatologização da estrutura de pensamento paranoico¹², elevando a paranoia à categoria de questão, à questão propriamente transcendental da paranoia: como a paranoia é possível enquanto problema? O problema da paranoia é, então, colocado de maneira filosófica, a significar uma situação histórico-existencial, como problema das relações entre a paranoia e o pensamento do controle.¹³

É por isso que afirmarmos aqui a centralidade da paranoia no livro de Pynchon, pela importância que tem tanto conteudisticamente como formalmente na obra – porque justamente quem fornece a forma do romance e a preenche como tal é a própria paranoia.

Pertencente ao campo da psicopatologia, a noção de paranoia tem como referencial uma forma de loucura em que a mania de perseguição e a ocorrência de delírios deixam entrever uma psicose, isto é, uma forma de desordem mental. Pynchon, por sua vez, traz para o contexto de suas obras um outro enfoque de paranoia, enfoque esse modificado semanticamente, a significar uma situação histórico-existencial na qual suas personagens se vêm envolvidas. Assim, a desordem mental, associada inicialmente à noção psicopatológica de paranoia, torna-se uma desordem na vida individual e coletiva, na qual se busca uma ordem em um outro plano de realidade, enquanto o “reflexo de buscar outras ordens por trás do visível”.¹⁴

Nesse sentido, paranoia, no livro de Pynchon, define-se pela crença na existência de uma conspiração, cuja origem se perde em uma rede de conexões, e cujo agente relaciona-se a forças que escapam a uma definição

[12] “Em todas as mudanças de perspectiva interpretativa sobre a paranoia, a palavra, fiel à sua etimologia (*paranoia* é uma palavra em grego que designa uma mente distraída ou demente), tem sempre designado uma desordem mental. Pelo menos até *Gravity's Rainbow*. (...) Pynchon está menos interessado em justificar as suspeitas de conspiração de suas personagens do que na universalização e, em certo sentido, na despatologização da estrutura de pensamento paranoico.” (BERSANI, 2003, p. 148 nossa tradução).

[13] “Uma vez que os meios técnicos de controle tenham atingido uma certa dimensão, um certo grau de *interligação*, as possibilidades de liberdade desaparecerão para sempre.” (PYNCHON, idem, p. 548 nossa tradução).

[14] PYNCHON, idem, p. 190 (nossa tradução).

precisa.¹⁵ Tais forças convergem para o que Pynchon denomina a “Firma” ou “Eles”, constituindo-se em um dos motivos que leva as personagens à paranoia, presentificada sob a forma de uma estrutura terrificante.¹⁶

Antes de avançarmos, porém, devemos nos perguntar: afinal, do se trata a paranoia? Qual a origem do termo?

A nosografia psiquiátrica nos ensina que, diferentemente da experiência esquizofrênica, caracterizada por um alto grau de dissociação e fragmentação, na paranoia, o problema do *sentido* está sempre presente.

De fato, a paranoia é o império do sentido, sentido esse dirigido sempre contra o sujeito. Porém, esse sentido é sempre um sentido único, invariável, fixo, unívoco. Por conseguinte, podemos concluir que todo paranóico é um narcisista por excelência, já que tudo está sempre diretamente remetido à sua pessoa – o paranoico é um autorreferente, o que muita vez explica o caráter megalomaniaco de seus delírios.

Essa megalomania aparece sob a forma de vários delírios, pois o paranoico se acha e acredita ser o centro do mundo: todos o olham, todos falam dele, todos o odeiam, todos querem destruí-lo. Temos com isso, então, o que poderíamos chamar de um fenômeno extremamente presente na dinâmica paranoica, o “delírio de perseguição”.

Uma breve incursão pela história da psiquiatria nos permite localizar o termo paranoia em meados da segunda metade do século XIX, com a prevalência do seu significado etimológico: “pensar ao largo, de maneira enviesada”.

Sua significação clínica possui, no entanto, precedência sobre qualquer sentido que, tanto a psicanálise freudiana como a psicologia analítica (junguiana), como principais representantes das teorias que sustentam a hipótese do inconsciente, por exemplo, vieram a lhe atribuir posteriormente.

Na verdade, o termo “paranoia” tem uma longa tradição na história da psicopatologia, e é necessário remontar às suas origens na Grécia antiga a fim de compormos uma ideia mais clara das transformações que sofreu até chegar a seu uso médico contemporâneo.

Naquele contexto, π referia-se, antes de tudo, ao desvario extremo provocado pelas paixões, não designando, portanto, uma forma particular de loucura, mas a loucura em si, em suas dimensões de delírio e de arrebatamento insensato, sendo empregada tanto na língua comum, como na medicina hipocrática, na qual recebia o sentido genérico de alienação mental.¹⁷

[15] “Temos que procurar aqui por fontes de poder e redes de distribuição que nunca foram ensinadas, rotas de poder que nossos professores nunca imaginaram, ou foram encorajados a evitar... temos que encontrar medidas cujas escalas o mundo desconhece, criar nossos próprios esquemas, recolher reações, estabelecer conexões, reduzir a margem de erro, tentar aprender a verdadeira função... mirar em que conspiração incalculável?” (PYNCHON, idem, p. 530 nossa tradução).

[16] “O que emerge do livro é o senso de uma força e de um sistema – alguma coisa, alguém mencionado simplesmente como a Firma ou ‘Eles’ – que está ativamente tentando levar tudo ao zero ou além, tentando instituir um mundo do não ser, um mundo operativo de morte que cobre o mundo orgânico com um mundo de papel e plástico, e transforma todos os recursos naturais em poderes destrutivos e em devastação: o foguete e as ruínas em torno dele. Perversamente, não especificamente, ‘Eles’ não são localizáveis. Há sempre a possibilidade de um Eles atrás do Eles, uma conspiração atrás da conspiração: a busca para identificar ‘Eles’ consome o identificador em potencial em uma regressão infinita. Todavia, qualquer que seja sua fonte e origem, Eles dedicam-se à aniquilação.” (TANNER, 1982, p. 79 nossa tradução).

[17] Cf. HILLMAN, 1993, p. 17.

Permanecendo restrita durante séculos a um uso meramente descritivo e informal, o termo precisaria aguardar a psiquiatria alemã do século XIX para ser utilizada como conceito nosológico específico, o qual será progressivamente elaborado e delimitado.

Porém, gostaríamos de retomar a definição de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, bastante precisa e sintética, a qual, acreditamos, servirá de forma adequada aos propósitos desse ensaio: “a paranoia caracteriza-se por um delírio sistematizado, pela predominância da interpretação e pela inexistência de deterioração intelectual”.¹⁸

Ora, a ausência de enfraquecimento intelectual e a sistematização delirante são os grandes indicadores das paranoias no diagnóstico diferencial com relação à esquizofrenia. Mais: o sistema lógico da paranoia, o rigor sistemático de seus delírios, é que o torna plausível para o Outro, e seu tema dominante será, como vimos, o delírio de perseguição.

Assim, o delírio na paranoia pode ser definido pela seguinte expressão: é uma forma ideativa que conduz a uma convicção inquebrantável, não modificável pela confrontação com a realidade, e com perda de sentido crítico quanto à sua certeza. (Nenhuma dúvida, apenas certezas, nada escapa à ordem sistemática do saber paranóico.) Nesse sentido, o que caracteriza primordialmente a paranoia é a crença irrefutável de suas interpretações, a despeito da mais completa lucidez do sujeito paranoico.

A partir dessa definição de delírio na paranoia, podemos definir o sujeito paranoico como sendo fundamentalmente um intérprete compulsivo. Ora, para o paranoico, o acaso não existe, não *pode* existir, pois, para ele, tudo está ligado, conectado. Logo, nada acontece por acaso, tudo é sempre portador de um sentido, e exige uma interpretação.

Assim, a paranoia pode se apresentar com fenômenos de interpretação delirante, possuindo as seguintes formas: o delírio de perseguição, a erotomania, o delírio de grandeza e o delírio de ciúmes. Em todas essas modalidades, o paranoico elege aquele que faz dele, na sua interpretação, um objeto especial: no delírio de perseguição, o perseguidor; na erotomania, aquele que o ama; no delírio de grandeza, a própria pessoa; e no delírio de ciúmes, aquele que o trai. Esta é, pois, a lógica da paranoia: o paranoico é sempre objeto de um Outro.

O paranoico é, pois, o centro do mundo, aquele para quem tudo se dirige e com o qual todos são hostis. E é junto com as pessoas, nas relações com elas, que ele interpreta e delira. Desse modo, podemos efetivamente caracterizar a paranoia como a compulsão da interpretação, em que o sujeito interpreta tudo a partir do signo ao qual está identificado e retido, e todas as imagens e eventos que surgem se transformam em significados a favor (como no caso da megalomania) ou contra ele (no caso da perseguição).

[18] Roudinesco e Plon, 1998, p. 572.

Outro traço marcante da paranoia é a tendência à criptografia, ou antes, à criptomania, na qual o sujeito busca sofregamente o que está por trás das coisas – a paranoia enquanto o reflexo de buscar outras ordens por trás do visível –, esforço esse que aparece reiteradamente em sua busca pelo sentido último das coisas. O paranoico é, portanto, alguém que atribui um excesso de significações em tudo que está à sua volta, na tentativa de descobrir as “mensagens”, os códigos que estariam por trás de um gesto, de um olhar, de uma fala, palavra ou mesmo de um objeto.¹⁹

Contudo, o grande tema presente na maioria dos delírios paranoicos diz respeito à questão do olhar. Na paranoia, o sujeito nunca está sozinho, ao contrário, está sempre no centro dos olhares dos outros, está sempre acompanhado de seu duplo, que irá se revelar nos olhares que o vigiam, observam, examinam e perseguem.

Nessa prevalência do olhar, do ser visto, que faz com que o paranoico se sinta como que transparente, tanto em seus pensamentos como em seus atos, situando-o no centro do interesse e do conhecimento de todos, parece apontar para a existência de uma instância “imaginária” que o vigia e critica, fazendo-o queixar-se de que os outros conhecem seus pensamentos, observam e vigiam suas ações, advertindo-o sobre o funcionamento dessa instância pelas vozes que lhe falam, de maneira característica, na terceira pessoa: *Eles*.

Temos, então, a partir dessas breves considerações, duas características fundamentais na paranoia: olhar e voz. No delírio paranoico, olhar e voz estão conjugados e aparecem de modo bastante preciso, enquanto sujeito que é visto é falado pelo Outro. Tal olhar, na paranoia, torna-se visível, quase palpável, e o sujeito não consegue escapar da vigilância e da observação do Outro que ele supõe o estar perseguindo. (Slothrop, como vimos acima, sente que estão a vigiá-lo, supõe a existência de pessoas escondidas, vigilantes, como espiões, seguindo-o e observando-o, o que o leva a procurar abrigo em lugares onde não pode ser visto.) Porém, em casa, no escritório, na rua, dentro do carro, este olhar sempre emerge, seja nos olhos das mulheres, seja nos muros, seja nos carros que cruzam a cidade. Por todos os lados estão *Eles*.

Em todos os momentos, o sujeito paranoico está na mira do Outro, é o alvo a ser atingido, aquele para quem todos se viram, a quem todos observam e cujos atos todos comentam. Delírio paranoico interpretativo, compulsão por sentido, ser visto e perseguido pelo olhar do Outro. Como se todo o campo de possibilidades semânticas dos eventos fosse comprometido e reduzido a um único sentido, a uma única definição: *Eles* me perseguem.

[19] “Um de nossos psicóticos conta-nos em que mundo estranho ele entrou já há algum tempo. Tudo para ele tornou-se signo. Não somente ele é espiado, observado, vigiado, falam dele, julgam-no, apontam-no, olham-no, dão-lhe uma piscadela de olho, mas tudo isso invade (...) o campo dos objetos reais inanimados, não-humanos. Olhemos isso aí um pouco mais de perto. Se ele encontra na rua um carro vermelho – um carro não é um objeto natural –, não é por acaso, dirá ele, que esse passou naquele exato momento.” (LACAN, 1988, p. 17-18)

Ora, precisamente a oposição gerada pela estrutura paranoica, ou seja, a polaridade entre Nós e Eles, estabelecida em *Gravity's Rainbow*, é uma polaridade paranoica. Como estamos a ver, é uma peculiaridade da estrutura paranoica a oposição entre Nós e Eles. O paranoico Nós deve depender do inimigo Eles, e isso em virtude do fato de que o paranoico autoriza, ou antes, cria, a condição de possibilidade de existência desse Eles com base na crença da existência do sentido único. Com base nessa crença, todos os eventos que se apresentam ao paranoico são vistos como uma conspiração, enquanto as outras pessoas têm simplesmente que completar a trama, tomando a posição estrutural de um Eles perseguidor, para, ao fim, o paranoico poder ocupar uma posição caracterizada por suspeitas angustiantes e sujeição permanente. Na paranoia, portanto, a função primária do Eles parece ser a de fornecer uma definição de sentido que torne a paranoia necessária, absoluta...

É claro que um sistema-Eles bem desenvolvido é necessário – mas é apenas metade da história. Para cada Eles deve haver um Nós. No nosso caso há. A paranoia exige que se elabore um sistema-Nós, ao menos, tão completo quanto um sistema-Eles. (...) Eu me refiro ao que Eles e Seus psiquiatras contratados chamam de 'sistemas delirantes'. Nem precisa dizer que os 'delírios' são sempre oficialmente definidos. Nós não temos que nos preocupar com a questão do que é real ou irreal. São apenas conveniência. O que importa é o *sistema*. O modo como os dados se organizam dentro dele.²⁰

[20] PYNCHON, idem, p. 650-651 (nossa tradução).

O paranoico, pois, acreditando-se vítima de uma conspiração, sente-se objeto de um controle, ou antes, de uma manipulação, em que seus movimentos parecem programados (“tudo o que em sua vida pareceu livre ou aleatório, descobriu que tinha estado sob algum Controle, todo o tempo”²¹), passando assim a viver a busca das causas de tal manipulação, no anseio de encontrar algum sentido. (O paranoico, levado, portanto, pelo desejo de estabelecer conexões, acredita que tudo está interligado, “*tudo está ligado*, tudo na Criação”²².) Contudo, essa busca, que se desenrola no sentido de uma iluminação que aponte a verdade, termina no mais completo malogro.²³

[21] PYNCHON, idem, p. 211-212 (nossa tradução).

[22] PYNCHON, idem, p. 717 (nossa tradução).

[23] “Você Realmente Acha Que Vai Encontrar Alguma Coisa? (...) E Se Nós Não Quisermos Que Você Encontre Coisa Alguma?” (PYNCHON, idem, p. 613, nossa tradução)

Pois bem. O que está por trás deste estado de coisas é um ser extirpado de um contexto em que a vida possui algum sentido. Afinal, não é este o modo como as personagens pynchonianas compreendem o mundo à sua volta, a maneira como suas consciências captam o sentido da história, aparentemente perdido? A paranoia surgiria, então, como uma *resposta* ao problema da perda de realidade, por meio da crença paranoica

na existência de um sentido único, definitivo, final e unívoco da realidade, numa espécie de reação compensatória a sentimentos de inferioridade.

Voltemos, pois, com o livro de Pynchon. Dessa vez, a personagem em questão é Roger Mexico, um jovem estatístico ligado a “White Visitation”, órgão do Serviço de Inteligência Britânico...

Estatístico-aranha: seus olhos encheram-se de lágrimas diante da Próxima Idéia – *ah*. Ah meu deus. Feche essa torneira, Pereira, e dê uma olhada *nisto*. Ele levantou-se, meio curvado, sobre a pia, paralisado, colocando de lado por um tempo sua preocupação com Jessica, doido de vontade de olhar para trás, até mesmo para o, o velho espelho, sabe, ver o que eles estão tramando, mas está tão paralisado que nem mesmo ousa arriscar... *agora*... ah, sim, uma possibilidade fantástica acaba de encontrar terreno fértil em seu cérebro, e aqui está ela. E se eles todos, todos esses malucos da Seção Psi, estiverem conspirando contra ele em segredo? Hein? (...) sim, sim, um monte de idéias assim vagando por sua cabeça, e nenhuma delas lá muito agradável – especialmente neste banheiro coletivo, com o rosto de Gavin Trefoil de um colorido magenta brilhante esta manhã, uma flor de trevo brilhando ao vento, Ronald Cherrycoke escarrando catarro âmbar marmorizado na pia – o que é isso, quem *são essas pessoas todas*... Monstros! *Mooooonstros!* Ele está cercado! eles passam o tempo todo, dia e noite, futricando seu cérebro, telepatas, bruxos, agentes satânicos de todos os tipos controlando *tudo* – mesmo quando ele e Jessica estão na cama *fodendo* – Tente aguentar as pontas, meu velho, entre em pânico se for preciso, mas mais tarde, não aqui... (...) Bela manhã, Segunda Guerra Mundial. A única coisa em que ele consegue pensar conscientemente é *Quero uma transferência*, uma espécie de cantarolar desafinado diante do espelho, sim senhor, tenho que fazer o pedido imediatamente. Vou me oferecer como voluntário para ir para a Alemanha, é o que vou fazer. (...) “Qualquer coisa!” Roger voltando a seu quarto estreito, “qualquer coisa é melhor do que isso...” Era assim que ele se sentia. Sabia que se sentiria mais em casa na loucura da Alemanha, com o Inimigo, do que aqui na Seção Psi. A época do ano faz com que seja ainda pior. Natal. *Bleeearrrrgh*, apertando seu estômago. Jessica era a única coisa que tornava essa situação humana ou tolerável. Jessica...²⁴

[24] PYNCHON, *idem*, p. 126-128 (nossa tradução).

A paranoia serviria, então, como um substituto da realidade esvaecida, algo pouco animador, mas, em todo caso, preferível aos horrores da *antiparanoia*, estado este que ninguém consegue suportar por muito tempo sem desesperar-se por completo. “Se há algo de confortante – re-

[25] PYNCHON, idem, p. 441 (nossa tradução).

[26] “A paranoia é uma estrutura de pensamento necessária e desejada.” (BERSANI, idem, p. 150, nossa tradução).

[27] PYNCHON, idem, p. 441 (nossa tradução).

[28] O que se estabelece aqui, portanto, não é um dualismo, mas uma tensão, como se pode depreender dos exemplos a seguir: “‘Isso aqui é algum tipo de complô, certo?’ Slothrop chupando saliva do veludo. ‘*Tudo* é um complô, rapaz’, Bodine rindo.” (PYNCHON, idem, p. 613) “[Tchitcherine:] Você faz alguma ideia do que está acontecendo?’ Mravenko ri. ‘E alguém faz?’” (PYNCHON, idem, p. 622, nossa tradução).

[29] PYNCHON, idem, p. 592 (nossa tradução).

ligioso, até – na paranoia, há também a antiparanoia, em que nada tem ligação com nada, um estado que quase ninguém consegue suportar por muito tempo.”²⁵

Necessitamos, pois, de uma ilusão de sentido (qualquer que seja), sem a qual o peso da existência torna-se insuportável. Moral da estória: qualquer sentido é melhor que nenhum sentido. E, pensando bem – sugere Pynchon –, talvez seja até melhor haver um tal sentido, do contrário, como dissemos, o peso da existência torna-se insuportável (e, nesse sentido, aquilo que acreditávamos ser uma justaposição oportuna pode vir a ser, ao fim, como dissemos, um acoplamento necessário, desejado²⁶).

Bem, Slothrop sente agora que está entrando na parte antiparanóica de seu ciclo, sente que toda a cidade a sua volta está destelhada, vulnerável, descentrada, assim como ele, e que há somente cartazes do Inimigo Atento colocados entre ele e o céu chuvoso. Ou Eles o colocaram aqui por um motivo, ou ele está aqui só por estar. Pensando bem, talvez fosse até melhor que houvesse o tal *motivo*...²⁷

Talvez seja o caso de dizer que o livro de Pynchon contém uma tensão que, como um pêndulo, oscila ora para um lado, ora para outro, irresolivelmente, entre certeza interpretativa e dúvida radical, ou antes, entre paranoia e antiparanoia, tensão essa que se mantém ao longo de toda a “narrativa”.²⁸ O fato é que Pynchon apresenta longos trechos que discorrem sobre uma rede crescente de conexões, até chegar – segundo o próprio autor – a “uma estrutura paranóica digna do nome”²⁹, a qual é trazida para o interior do próprio romance, estabelecendo conexões de sentido que revelam vínculos entre elementos e categorias diversas, que convergem de várias direções, para finalmente se unirem na demonstração de uma estrutura paranoica que pode ser limitada a uma personagem ou mesmo abranger toda a “narrativa”.

Vejam um exemplo: o condicionamento do têsão do (ainda) bebê Tyrone pelo pavloviano Laszlo Jamf deve ser visto à luz dos acordos de negócio firmados entre as duas Guerras Mundiais, negócios esses envolvendo megacartéis envolvidos nos esforços para arruinar o marco alemão, como parte de uma estratégia para que a Alemanha não tivesse que pagar suas dívidas de guerra...

Lyle Bland é um nome que [Tyrone] Slothrop conhece bem. E é também um nome que aparece frequentemente nos registros privados que Jamf mantinha de seus próprios negócios. Ao que parece, Bland, no início dos anos 20, estava profundamente envolvido com a operação Hugo

Stinnes na Alemanha. (...) Mais do que qualquer outro financista, ele foi considerado o culpado pela Inflação. Foi nessa época que as pessoas usavam carrinhos de mão para transportar cédulas de marcos para suas compras cotidianas e usavam-nas como papel higiênico, supondo que tivessem algo para cagar. As conexões internacionais de Stinnes abarcavam todo o mundo – Brasil, as Índias Orientais, os Estados Unidos – e, para empresários como Lyle Bland, sua taxa de crescimento era irresistível. A teoria, por essa época, era que Stinnes estava conspirando com Krupp, Thyssen e outros para arruinar o marco para que, assim, a Alemanha não tivesse que pagar suas dívidas de guerra.³⁰

[30] PYNCHON, idem, p. 288-289 (nossa tradução).

Um outro exemplo, tendo agora como centro a personagem Franz Pökler, um engenheiro químico ligado à seção de material bélico do Exército alemão, onde, juntamente com outros “técnicos”, se dedica às pesquisas para o desenvolvimento do foguete V-2...

Poderia alguma coisa ter durado com ele [Pökler]? Se o lobo judeu Pflaumbaum não tivesse tocado fogo em sua própria fábrica de tintas junto ao canal, Franz poderia ter dedicado sua vida ao empreendimento impossível do judeu de desenvolver uma tinta estampada, dissolvendo cristal após cristal, pacientemente, controlando as temperaturas com um cuidado obsessivo para que, ao esfriar, a mistura amorfa, desta vez, pudesse se fixar num padrão de listras, bolinhas, xadrezes, estrelas de Davi – em vez de encontrar, de manhã cedo, um caos enegrecido, latas de tinta explodidas numa grande apoteose de escarlate e verde-garrafa, cheiros de madeira queimada e nafta, Pflaumbaum retorcendo as mãos oy, oy, oy, hipócrita desgraçado. Tudo para embolsar o seguro. Assim, Franz e Leni [sua esposa] passaram muita fome por um tempo, com Ilse crescendo dentro da barriga de Leni a cada dia. Os empregos que surgiam eram braçais e pagavam uma ninharia. Franz estava se desestruturando. Então ele encontrou seu velho amigo [Kurt Mondaugen] do T.H. Munich uma noite no subúrbio pantanoso. Ele havia passado o dia todo fora (...) colando cartazes anunciando alguma alegre fantasia cinematográfica de Max Schlepzig (...). Já estava bem escuro e muito frio quando o balde de cola ficou vazio e todos os anúncios já estavam pregados, prontos para serem mijados, rasgados, riscados com suásticas.³¹

[31] PYNCHON, idem, p. 162-163 (nossa tradução).

O episódio é então abandonado para ser retomado mais a frente – quatrocentas páginas depois –, onde ganhará contornos absolutamente paranoicos. Vejamos...

[32] *Universum Film Aktiengesellschaft*, mais conhecida como Ufa ou UFA, foi o principal estúdio de cinema na Alemanha, sede da indústria cinematográfica alemã durante a República de Weimar e durante a Segunda Guerra Mundial, e uma grande força no mundo do cinema durante sua breve existência entre 1917-1945.

[33] *Verein für Raumschiffahrt* (VfR) (Sociedade para Navegação Espacial): Clube de fogueteiros amadores alemão, pré-Segunda Guerra Mundial, de cujas fileiras saíram os engenheiros de foguete para a Wehrmacht, entre eles, o próprio Wernher von Braun. Fundado em 5 de junho de 1927, em Breslau, Alemanha.

[34] PYNCHON, idem, p. 592 (nossa tradução).

[35] PYNCHON, idem, p. 717 (nossa tradução).

Na verdade, houve quem visse a mão de Lyle Bland nesse acidente, embora o judeu [Pflaumbaum] tenha levado a culpa, quem se fodeu nos tribunais, foi arrestado até falir, e, quando chegou a hora, foi enviado para o leste, juntamente com muitos outros da sua raça. Teríamos também que demonstrar alguma ligação entre Bland e os distribuidores da Ufa³² que mandaram Pökler com seus cartazes de publicidade para Reinickendorf naquela noite, para seu fatídico encontro com Kurt Mondaugen e a Verein für Raumschiffahrt³³ – para não mencionar as ligações *em separado* com Achtfaden, Närrisch e outras pessoas vinculadas ao [foguete] S-Gerät – antes de termos uma estrutura paranóica digna do nome.³⁴

Pois bem. Para se ter “uma estrutura paranóica digna do nome”, é preciso não apenas “demonstrar alguma ligação” entre indivíduos, eventos e empresas que a princípio não estavam relacionadas, como também estabelecer linhas de conexão diferentes ou paralelas, aquilo que denominamos anteriormente de “estilo de conexão”, em que tudo está ligado, e cujo modelo é a paranoia, a paranoia enquanto “a descoberta de que tudo está ligado”³⁵.

Outro exemplo: o físico James Clerk Maxwell e o químico August Kekulé, em *Gravity's Rainbow*, são imaginados como sendo completamente obcecados e paranóicos em suas explorações científicas. Assim, aprendemos que o “Demônio” de Maxwell pode não ter sido, em sua criação, um modelo destinado a demonstrar algo nas ciências físicas. Ainda que tenha servido para isso, ele pode ter sido concebido principalmente como um alerta codificado, concebido com o intuito de alertar o mundo sobre uma conspiração em curso no século XX, relacionada ao foguete A4...

Testemunhas sugeriram posteriormente que Clerk Maxwell projetou seu Demônio não tanto como um recurso para discutir um conceito da termodinâmica, mas como uma parábola sobre a *existência real* de pessoas como Liebig... podemos fazer uma ideia de quão longe a repressão havia chegado por esse tempo, vendo como Clerk Maxwell sentiu-se obrigado a codificar suas advertências... de fato, alguns teóricos, geralmente os que vêem significados sinistros por trás até mesmo da conhecida frase da Sra. Clerk Maxwell “É hora de ir para casa, James, você está começando a se divertir”, lançaram a hipótese extrema de que as próprias Equações de Campo contém uma advertência funesta – eles citam como evidência a intimidade perturbadora das Equações com o comportamento do circuito de integral dupla no sistema de guiagem do foguete A4 (...).³⁶

[36] PYNCHON, idem, p. 418 (nossa tradução).

Em outra parte, o narrador especula que Justus Freiherr von Liebig, renomado professor de química na Universidade de Giessen, era um agente, cuja tarefa foi colocar Kekulé numa posição em que ele pudesse receber um sonho da “burocracia do outro lado”³⁷ (o mundo dos mortos) – um sonho sobre a forma do anel de benzeno, cuja forma seria a base da química aromática, que, juntamente com as teorias da aceleração, tornaria possível o foguete A4. Kekulé, que entrara na Universidade de Giessen como estudante de arquitetura, foi inspirado por Liebig para mudar de área...

Aqui, aqui está o resumo sobre o problema de Kekulé. Começou por se tornar arquiteto, mas acabou tornando-se um dos Titãs da química, a maior parte da ala orgânica deste utilíssimo edifício foi erguida sobre seus ombros para todo o sempre – e não somente do ponto de vista da IG, mas do Mundo (...). Mas uma vez, foi a influência de Liebig, o grande professor de química (...). Liebig estava na Universidade de Giessen quando Kekulé entrou como aluno. Ele inspirou o jovem a mudar de área. Assim, Kekulé trouxe à química um olhar de arquiteto. Foi uma mudança de importância crítica. O próprio Liebig parece ter ocupado o papel de um portão, ou de demônio-distribuidor, tal como propôs seu contemporâneo mais jovem Clerk Maxwell, ajudando a concentrar energia em um recinto favorecido da Criação em detrimento de tudo o mais (...). O jovem ex-arquiteto pôs-se a procurar entre as moléculas de sua época pelas formas ocultas que ele sabia estarem lá, formas que preferia não encarar como estruturas físicas reais, mas sim como “fórmulas racionais”, que demonstravam as relações que se davam nas “metamorfoses”, seu curioso modo oitocentista de dizer “reações químicas”. Mas Kekulé podia visualizar. Ele viu as quatro ligações de carbono, formando um tetraedro – ele mostrou como os átomos de carbono poderiam se ligar, um ao outro, formando longas cadeias... Mas ficou perplexo quando chegou ao benzeno. Sabia que havia seis átomos de carbono com um de hidrogênio ligado a cada um – mas não conseguia enxergar a forma. Até que teve o sonho: até que foi levado a ver a forma, para que outros pudessem ser seduzidos por sua beleza física, e comesçassem a pensar nela como um plano, uma base para novos compostos, novos arranjos, para que surgisse todo um ramo de química aromática para unir-se com o poder secular e descobrir novos métodos de síntese, para que surgisse uma indústria alemã de pigmentos que se tornaria a IG [Farben]³⁸ ...³⁹

Psicologia comportamental, teorias da aceleração, química orgânica, sistemas paranóicos – como vimos, *Gravity's Rainbow*, pela quanti-

[37] PYNCHON, idem, p. 417 (nossa tradução).

[38] IG Farben: *Interessen Gemeinschaft Farbenindustrie Aktiengesellschaft* (Comunidade de Interesses das Indústrias de Tintas S/A): Conglomerado de empresas formado em 1925, que deteve o monopólio quase completo da produção química na Alemanha nazista, tendo sido, durante seu apogeu, a maior corporação da Europa e a quarta maior do mundo, atrás da General Motors, da United States Steel e da Standard Oil Company.

[39] PYNCHON, idem, p. 417-418 (nossa tradução).

dade de conexões que estabelece, compõe uma espécie de supertrama, com tramas menores contidas dentro de tramas maiores, semelhante à forma do anel de benzeno, forma esta que serviria de base para a química aromática, que, juntamente com as teorias da aceleração, viria a tornar possível o foguete V-2, alertando-nos, deste modo, para uma conspiração em curso no século XX, sobre a II Guerra Mundial, o presente e o futuro, a qual envolveria megacartéis e obscuras corporações, a serviço de uma tecnologia de morte. Uma sofisticada e acachapante conspiração cuja origem se perde em uma rede de conexões: delírio paranoico interpretativo...

Se é verdade que a forma responde pelo mundo histórico que ela configura, nesse sentido, a forma do romance “pós-moderno” corresponde à nova Incerteza. Ora, na “pós-modernidade” o mundo se volatilizou, tornou-se vacilante, inconsistente, e o romance, acompanhando estas transformações, como que a delirar a própria formação histórica que a informa, adquiriu estes mesmos traços de indiferenciação e indiscernibilidade.

Não por acaso o livro de Pynchon tem como cenário a Europa devastada de fim de conflito, marcado por um forte processo de dissolução, como sendo seu momento inaugural.

O fato é que as três grandes invenções da modernidade: indivíduo, razão e história – precisamente estas três categorias, em regime histórico de “pós-modernidade”, estão submetidas ao mais intenso processo de dissolução.

Isto fica ainda mais claro se entendermos que a “pós-modernidade” é uma reação específica frente ao moderno, frente ao projeto fundacionista da modernidade.⁴⁰ Porque é disto que efetivamente se trata: uma reação a estes autênticos artigos de fé da modernidade.

Nesse sentido, portanto, mais do que o simples desejo de criar um estilo único, a forma como Pynchon busca anular tais categorias representa um gesto de verdadeira honestidade intelectual em consonância com seu próprio tempo, reportando assim sua arte à máquina social ou coletiva que lhe corresponde objetivamente, ou seja, o mundo do pós-guerra.

Mas, se é da História então que se trata, como ela está aqui representada? Pois então – já que nele se encontra efetivamente presente como vemos –, qual o tratamento dado à História no livro de Pynchon, como ela está aí constituída, *configurada*?

Pois não é verdade que, para Pynchon, do fim da Segunda Guerra Mundial até à publicação do livro, o que se descortina, via tecnologia de

[40] Sobre este ponto, ver o excelente artigo de Fredric Jameson “Pós-modernismo e sociedade de consumo”. Cf. Referências bibliográficas.

foguetes, é morte e destruição? E o que se busca revelar ao fim não é o nexo existente entre técnica moderna e morte? ⁴¹

O presente deita raízes profundas no passado, e este, projeta-se para o futuro...

Ora, assim como não é possível entender a Segunda Guerra Mundial sem entender a Primeira e, assim como não é possível entender o nacional-socialismo sem levar em conta a República de Weimar, da mesma forma, para Pynchon, não é possível entender as hodiernas viagens espaciais sem entender a história do desenvolvimento do foguete V-2.

Contudo, o que importa saber é a *forma* como isso está configurado esteticamente.

O livro de Pynchon está inserido dentro do quadro de um conjunto significativo de problemas, fixados historicamente e, portanto, deve ser entendido tendo-se em conta o seu contexto histórico específico, em que o sonho ocidental de construir o mundo somente com base na razão, descartando a tradição e rejeitando toda transcendência, chegou a um impasse, ao não conseguir conciliar valores humanos, progresso técnico e bem-estar para todos. Deve ser entendido, portanto, dentro do quadro do esgotamento do projeto moderno.

Nesse sentido, mais que um problema de invenção, trata-se de uma condição histórica, experimentada e sofrida como tal, ou seja, como *princípio*, e da qual não é possível se evadir. Porque, se não a considerarmos como um problema de estilo (como de fato não é), então suas causas devem ser buscadas em outra parte, ou seja, precisamente no mundo histórico. Nascida do apagamento das fronteiras entre os gêneros operado na “pós-modernidade”, ela é levada para dentro do romance, sob a forma de registros e estilos sobrepostos. ⁴²

E o que significa tudo isso se não a emergência de uma nova *formação* histórica?

No caso do livro de Pynchon, a forma do romance e o mundo histórico correspondem integralmente, se imbricam e se completam, ao mesmo tempo que conduz uma reflexão sobre o lugar da técnica, e de seu significado, na sociedade contemporânea, e reconstrói isso literariamente, onde tais determinantes tecnológicos recuam do presente até o século XVII, estabelecendo assim uma relação explícita com o que acontecia então, e aquilo que já se fazia sentir desde Leibniz – a mesma que remete Pynchon de volta a...

essa estranha ligação entre a mente alemã e a observação de imagens imóveis exibidas em rápida sucessão, para imitar o movimento, que persiste há pelo menos dois séculos – desde que Leibniz, no processo

[41] O fato é que Pynchon reforça tematicamente a complexa estrutura formal de *Gravity's Rainbow* associando eventos ligados à técnica moderna à morte e destruição, fazendo do problema da técnica, e de sua significação, a coluna vertebral do livro.

[42] “[Um] traço [característico] do pós-modernismo é a dissolução de algumas fronteiras e divisões fundamentais, notadamente o desgaste da velha distinção entre cultura erudita e cultura popular (a dita cultura de massa).” (JAMESON, 1985, p. 17)

de invenção do cálculo, utilizou a mesma abordagem para decompor as trajetórias de balas de canhão através do ar. (...) Trezentos anos atrás, os matemáticos estavam aprendendo a decompor a trajetória de ascensão e queda das balas de canhão em degraus de alcance e altura, Δx e Δy , cada vez menores, aproximando-se de zero (...). Este legado analítico nos chegou intacto – foi o que levou os técnicos de Peenemünde a estudar os filmes da Askania de vôos do Foguete, a examiná-los quadro a quadro, Δx a Δy , cada quadro imóvel em si mesmo... filme e cálculo, ambas as pornografia do voo.⁴³

[43] PYNCHON, idem, p. 413, 577 (nossa tradução).

Não seria o livro de Pynchon, nesse sentido, a tentativa de estabelecer literariamente não só, como foi dito, uma relação explícita com o que acontecia à época da publicação da obra e aquilo que há pelo menos dois séculos já se fazia sentir, mas também de apontar para o futuro, para aquilo que vem, e que não pode deixar de vir de outro modo?

“Algum dia, tudo vai ser feito por máquinas. Máquinas de informação. Vocês são a onda do futuro.”⁴⁴ ■

[44] PYNCHON, idem, p. 262 (nossa tradução).

LUIS FERNANDO CATELAN ENCINAS – Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo-USP (Campus da Capital), São Paulo, Brasil, fernando_catelan@usp.br. Esse artigo foi produzido para a conclusão do curso Caminhos do Romance: deslocamentos e descentramentos, ministrado pela Profa. Dra. Sandra G. T. Vasconcelos no segundo semestre de 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERSANI, Leo. Pynchon, paranoia, and literature. In: BLOOM, Harold (org.). *Thomas Pynchon*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003.

CLERC, Charles. (org.). *Approaches to Gravity's Rainbow*. Columbus: Ohio State University Press, 1983.

FOWLER, David. *A reader's guide to "Gravity's Rainbow"*. Ann Arbor: Ardis, 1980.

HILLMAN, James. *Paranóia*. Petrópolis: Vozes, 1993.

JAMESON, Fredric. "Pós-modernidade e sociedade de consumo". In: Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 12, pp. 16-26, jun. 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

POIRIER, Richard. The Importance of Thomas Pynchon. In: BLOOM, Harold (org.). *Thomas Pynchon*. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2003.

PYNCHON, Thomas. *Gravity's rainbow*. New York: Penguin, 2006.

_____. *Leilão do lote 49*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *V.*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

ROUDINESCO, Elisabeth, e PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

QUINTAES, M. *Letras imaginativas: breves ensaios de psicologia arquetípica*. São Paulo: Paulus, 2011.

SANDERS, Scott. Pynchon's paranoid history. In: LEVINE, George, e LEVERENZ, David (org.). *Mindful pleasures: essays on Thomas Pynchon*. Boston: Little, Brown, 1976.

SÉRIEUX, P. & CAPGRAS, J. As loucuras raciocinantes – o delírio de interpretação: introdução. In: DALGALARRONDO, P & SONENREICH, C. & ODA, A. M. R. *História da psicopatologia: textos originais de grandes autores*. São Paulo: Lemos, 2004.

TANNER, Tony. *Thomas Pynchon*. London: Methuen, 1982.